

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CURSO DE BACHARELADO EM LETRAS

LUIZ FELIPE LIPERT DA SILVEIRA

**TRADUÇÃO DE METÁFORA: UM ESTUDO EXPERIMENTAL PELA
PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA COGNITIVA**

PORTO ALEGRE

2022

Luiz Felipe Lipert da Silveira

**TRADUÇÃO DE METÁFORA: UM ESTUDO EXPERIMENTAL PELA
PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA COGNITIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para a
conclusão do curso de graduação em
Bacharelado em Letras – Português e
Inglês, da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maity Siqueira

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Lipert, Luiz Felipe
Tradução de Metáfora: Um Estudo Experimental pela
Perspectiva da Linguística Cognitiva / Luiz Felipe
Lipert. -- 2022.
44 f.
Orientadora: Maity Siqueira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Bacharelado em Letras: Tradutor Português e
Inglês, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Tradução. 2. Metáfora Conceitual. 3. Linguística
Cognitiva. 4. Metáfora Primária. 5. Metáfora Complexa.
I. Siqueira, Maity, orient. II. Título.

Luiz Felipe Lipert da Silveira

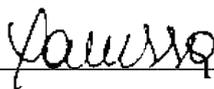
**TRADUÇÃO DE METÁFORA: UM ESTUDO EXPERIMENTAL PELA
PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA COGNITIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para a
conclusão do curso de graduação em
Bacharelado em Letras – Português e
Inglês, da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Porto Alegre, 14 de outubro de 2022.

Resultado: Aprovado com conceito A.

BANCA EXAMINADORA:



Prof.^a Dr.^a Larissa Moreira Brangel
Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Prof.^a Dr.^a Ana Beatriz Arêas da Luz Fontes
Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Prof.^a Dr.^a Maity Simone Guerreiro Siqueira (orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

No decorrer da produção deste trabalho, contei com a ajuda de diversas pessoas, dentre as quais agradeço:

À minha orientadora e eterna professora, Maity Siqueira, por me introduzir ao mundo da Linguística Cognitiva e guiar a minha jornada acadêmica, ensinando-me que a ciência é uma construção coletiva.

Aos colegas do grupo METAFOLIA, pela oportunidade de experienciar o fazer acadêmico de maneira leve e cooperativa. Em especial, aos amigos Caroline Ferrari e Felipe Tota, pela leitura crítica deste manuscrito e por todos os ensinamentos durante os anos em que fui bolsista de iniciação científica.

À amiga e colega de curso, Fernanda Garcia, que aceitou revisar este trabalho e esteve ao meu lado durante os anos de graduação, contribuindo diretamente para o meu amadurecimento acadêmico e profissional.

A todos aqueles que participaram desta pesquisa, pela colaboração e disposição no processo de coleta de dados; e ao amigo e estatístico Vinícius Serafini Roglio, pela ajuda com as análises quantitativas.

Aos amigos, professores e colegas de curso que direta ou indiretamente contribuíram para o meu crescimento dentro e fora da sala de aula.

Finalmente, à minha mãe, Evani Fernandes Lipert, por apoiar os meus sonhos e impulsionar o meu desenvolvimento. Devo tudo que sou hoje, primeiramente, a ela.

*“Enquanto eu tiver perguntas e não houver
resposta continuarei a escrever.”*

(Clarice Lispector)

RESUMO

Por serem tópicos de discussão entre estudiosos há muito tempo, as delimitações teóricas acerca da metáfora e as discussões sobre os processos envolvidos em sua tradução podem ser estudadas a partir de múltiplos ângulos. Neste trabalho, apresentamos uma pesquisa empírica acerca da tradução de metáforas conceituais (LAKOFF; JOHNSON, 1980) do inglês para o português brasileiro. À luz dos achados de Mandelblit (1995), partimos das seguintes hipóteses: (I) as metáforas conceituais primárias (GRADY, 1997), por representarem domínios conceituais comuns à experiência humana, devem ser mais rapidamente transferidas do inglês para o português do que as metáforas conceituais complexas, aquelas que envolvem elementos culturais; e (II) o grau de experiência em tradução deve afetar o tempo de resposta dos participantes. Para investigar essas hipóteses, elaboramos e aplicamos uma tarefa em que dois excertos de texto em inglês, representando, respectivamente, atualizações linguísticas de uma metáfora primária e de uma metáfora complexa, foram apresentados para tradução. A amostra desta pesquisa foi dividida em dois grupos, um formado por estudantes de graduação (M = 22 anos; DP = 2,2 anos) do curso de bacharelado em Letras e outro por profissionais formados (M = 27 anos; DP = 7,1 anos). Análises estatísticas não paramétricas sugerem que há evidências de um tempo de resposta ligeiramente maior para o excerto que representa a metáfora complexa e um tempo menor de resposta, em geral, para o grupo de profissionais.

Palavras-chave: tradução; metáfora conceitual; metáfora primária; metáfora complexa; Linguística Cognitiva.

ABSTRACT

Topics of discussion among scholars for a long time, the theoretical delimitations regarding metaphor, and the discussions around the processes involved in its translation can be studied from multiple angles. In this research, we study the translation of conceptual metaphors (LAKOFF; JOHNSON, 1980) from English into Brazilian Portuguese. In light of previous findings (MANDELBLIT, 1995), we argue that (I) primary conceptual metaphors (GRADY, 1997), those that represent conceptual domains common to human experience, should be more rapidly transferred from English into Portuguese than complex conceptual metaphors, those that involve cultural elements; and (II) the level of experience in translation should affect the participants' response time. To investigate these hypotheses, we designed a translation task composed of two fragments of text — representing a primary and a complex metaphor, respectively — that should be translated into Brazilian Portuguese. The sample was divided into two groups according to their level of experience. The first group was formed by undergraduate students ($M = 22$ years old; $SD = 2.2$ years old), and the second group by professional translators ($M = 27$ years old; $SD = 7.1$ years old). Nonparametric statistical analyses point to a slightly longer response time for the fragment representing a complex metaphor and a shorter response time for the group of professional translators overall.

Keywords: translation; conceptual metaphor; primary metaphor; complex metaphor; Cognitive Linguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Histograma dos tempos de tradução	28
Figura 2 — Gráfico de densidade dos tempos de tradução	28
Figura 3 — Gráfico de densidade do tempo de tradução da MP	30
Figura 4 — Gráfico de densidade do tempo de tradução da MC	30
Figura 5 — Gráfico de dispersão dos tempos de tradução	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Médias dos tempos de tradução em minutos	27
Tabela 2 — Médias dos tempos de tradução e comparação entre estudantes e profissionais	29
Tabela 3 — Coeficiente de correlação de Spearman dos tempos de tradução	31
Tabela 4 — Comentário de um dos participantes do grupo de profissionais	33
Tabela 5 — Comentário de dois dos participantes do grupo de profissionais	34
Tabela 6 — Comentário de um dos participantes do grupo de estudantes	35

LISTA DE ABREVIATURAS

LC	Linguística Cognitiva
MP	Metáfora Primária
MC	Metáfora Complexa
DP	Desvio Padrão
M	Média

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	REVISÃO DA LITERATURA	15
2.1	A METÁFORA NA PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA COGNITIVA: AVANÇOS E IMPLICAÇÕES.....	15
2.2	A METÁFORA CONCEITUAL NA TRADUÇÃO.....	18
2.3	A TRADUÇÃO DO PONTO DE VISTA TEÓRICO.....	20
3	MÉTODO	22
3.1	PARTICIPANTES.....	22
3.2	INSTRUMENTO.....	23
3.3	PROCEDIMENTOS.....	24
4	RESULTADOS	26
4.1	ANÁLISE QUANTITATIVA.....	26
4.2	ANÁLISE QUALITATIVA.....	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS	40
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE PESQUISA	42

1 INTRODUÇÃO

Na esteira dos estudos acerca da linguagem figurada que se baseiam em achados do campo da Linguística Cognitiva (LC), a metáfora conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980) aparece como uma possível contribuição para os Estudos de Tradução (KÖVECSES, 2014). Entretanto, à medida que alguns teóricos enxergam a tradução da metáfora conceitual como um processo que, em grande parte, não difere da tradução em geral (e.g. STEEN, 2014), também há aqueles que pontuam a importância de uma teoria de tradução que entenda a metáfora bem como definida pela LC (e.g. SCHÄFFNER, 2004), o que gera discussões díspares quanto à sua traduzibilidade.

Essas discussões tornam-se ainda mais complexas quando consideramos que, durante o processo de tradução, tradutores também podem optar por não transferir a metáfora da língua de partida para a língua de chegada — optando, nesses casos, por soluções criativas —, ainda que a tradução seja possível e facilmente acessível (STEEN, 2014). Logo, mesmo com um vasto corpo de estudos sobre a metáfora conceitual, as discussões em torno da sua tradução apontam para inúmeras incertezas que ainda podem ser exploradas, sobretudo se considerarmos as traduções para o português brasileiro, uma vez que as pesquisas dessa área do conhecimento costumam privilegiar o inglês e outras línguas europeias.

Além de chegarem a conclusões antagônicas, os estudos de base cognitiva que abordam a tradução da metáfora costumam observar a tradução como um produto (e.g. PEREIRA, 2017), e não como um processo, deixando em aberto reflexões de base empírica. Com efeito, Gibbs (2007) aponta para a problemática de que as intuições linguísticas, mesmo aquelas de linguistas treinados, podem não ser consideradas fontes suficientes de evidência para estabelecer como as pessoas usam e entendem a linguagem. Ademais, o autor comenta que uma solução plausível para lidar com os argumentos que desacreditam os achados teóricos da LC seria estudar o uso da linguagem objetivamente, através da análise de dados coletados em ambientes experimentais controlados.

Partindo dessas ideias, este trabalho busca contribuir para a discussão em torno da tradução da metáfora conceitual com um estudo experimental, focando principalmente o processo de tradução. Para tanto, usamos como base o estudo piloto

proposto por Mandelblit (1995), em uma tentativa de avançar e atualizar os achados feitos pelo autor há mais de duas décadas.

Em seu estudo, Mandelblit introduz a hipótese de que uma das dificuldades de traduzir linguagem figurada seria a falta de correlação entre as expressões linguísticas usadas ao redor do globo, uma vez que o sistema conceitual de uma comunidade linguística deve variar daquele de outra comunidade. Segundo o autor, caso duas línguas diferentes usem os mesmos recursos linguísticos para lidar com uma determinada metáfora conceitual, há de se esperar um processo cognitivo menos complexo, conseqüentemente mais rápido, do que nos casos em que metáforas conceituais distintas subjazem as expressões linguísticas em jogo. Ao introduzir o que chamou de “hipótese da Tradução Cognitiva” (*Cognitive Translation hypothesis*), o autor deu novo fôlego para os estudos acerca da tradução de linguagem metafórica, apresentando, dessa vez, um estudo pela perspectiva da Linguística Cognitiva.

Indo ao encontro dos comentários de Mandelblit (1995) acerca das possíveis diferenças entre os mapeamentos conceituais similares e os mapeamentos conceituais distintos, nesta investigação, trabalhamos com dois tipos de metáfora: (i) as metáforas conceituais primárias (GRADY, 1997), que representam domínios comuns à experiência humana; e (ii) as metáforas conceituais complexas, que consistem no grupo de mapeamentos conceituais e atualizações linguísticas metafóricas que veiculam elementos culturais. Assim, à luz dos achados de Mandelblit, estabelecemos as seguintes perguntas de pesquisa:

1. Há diferença no tempo de tradução dos dois tipos de metáfora investigados neste estudo? Se sim, qual tipo de metáfora conceitual parece ser mais rapidamente traduzido para o português brasileiro?
2. Há diferença no tempo de tradução dos dois tipos de metáfora investigados neste estudo, considerando o grau de experiência em tradução dos participantes?

A fim de responder a essas perguntas, produzimos e aplicamos uma tarefa de tradução em que dois excertos de texto em inglês foram traduzidos por estudantes de tradução e profissionais formados. Com isso, nosso objetivo era expandir a discussão acerca da traduzibilidade das metáforas conceituais para o português brasileiro

através da análise de aspectos qualitativos e quantitativos das respostas dos participantes da pesquisa, de modo a avaliar qual tipo de metáfora é mais rapidamente transferida para a língua de chegada e qual grupo, o de estudantes ou o formado por profissionais, demonstra maior agilidade para responder aos itens da tarefa.

Assumimos duas hipóteses durante esta investigação. Primeiramente, a de que as metáforas primárias seriam mais rapidamente transferidas do inglês para o português brasileiro do que as chamadas metáforas complexas, pois estas se relacionam diretamente com elementos culturais específicos, enquanto aquelas têm uma predisposição para a universalidade. Em segundo lugar, consideramos que os tradutores formados lidariam mais rapidamente com o processo de tradução de linguagem figurada, por possuírem maior grau de experiência na atividade.

Para organizar esta análise, após esta introdução, apresentamos a revisão da literatura acerca da metáfora conceitual e seus desdobramentos teóricos e empíricos. Em seguida, explicamos os métodos envolvidos na coleta e na análise dos dados, comentando sobre o processo, o instrumento e a amostra. Finalmente, apresentamos os dados a partir de análises quantitativas e qualitativas, a fim de responder às perguntas que guiam esta pesquisa e discutir os resultados das análises.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Por serem tópicos de discussão entre os estudiosos há muito tempo, as delimitações teóricas acerca da metáfora e as discussões sobre os processos envolvidos em sua tradução podem ser estudadas a partir de múltiplos ângulos. Neste capítulo, estabelecemos as definições dos construtos teóricos que fundamentam esta pesquisa e discutimos os avanços na literatura no que tange à metáfora conceitual; à tradução de linguagem figurada na perspectiva da LC após a publicação dos achados de Mandelblit (1995); e ao que entendemos por tradução neste estudo, comentando a lacuna nas teorias de tradução de cunho cognitivo.

2.1 A METÁFORA NA PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA COGNITIVA: AVANÇOS E IMPLICAÇÕES

A metáfora, enquanto figura de linguagem, foi descrita durante muito tempo como um dispositivo linguístico usado principalmente para aprimorar a escrita poética. Foi apenas após o lançamento do livro *Metaphors We Live By* (1980), de Lakoff e Johnson, que a metáfora foi sistematizada como um fenômeno não só da linguagem, mas também da cognição. Diferentemente das teorias anteriores, que agora podem ser consideradas parte da visão clássica da metáfora (SIQUEIRA, 2003), Lakoff e Johnson introduziram uma teoria que parte do pressuposto de que as metáforas não são apenas uma questão de linguagem, mas também incidem sobre o pensamento e a ação humana.

Primeiramente, cabe destacar que a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980) parte de uma visão *experientialista* da linguagem. Logo, postula-se que a linguagem, bem como outros processos cognitivos, não deve ser estudada separadamente de nossas experiências corporais com o mundo que nos cerca. Assim, sustenta-se que a linguagem é apenas uma das formas de atualizar as *metáforas conceituais*, mecanismos muito produtivos, que integram a comunicação cotidiana. Mais especificamente, a teoria aborda o fenômeno da metáfora em termos de mapeamentos entre domínios-fonte, a partir dos quais produzimos expressões metafóricas, e domínios-alvo, os domínios conceituais que estamos tentando entender ou definir. Portanto, quando usamos linguagem metafórica, não estamos apenas falando de uma coisa em termos de outra, mas também entendendo um conceito,

geralmente mais abstrato, em termos de outro conceito, mais concreto ou acessível aos sentidos. As metáforas conceituais TEMPO É DINHEIRO e A VIDA É UMA JORNADA, atualizadas linguisticamente por expressões como “gastei o meu tempo” e “estou seguindo o meu rumo”, respectivamente, são dois exemplos das diversas relações metafóricas que podem ser traçadas entre domínios do conhecimento. Essas expressões, e tantas outras, parecem estar disponíveis em abundância no repertório linguístico dos falantes das mais variadas línguas e representam, através da linguagem, as formas como conceitualizamos o mundo em que vivemos e as experiências que temos nele.

Tais expressões são consideradas metafóricas porque o tempo não é realmente uma mercadoria valiosa, como o dinheiro — mesmo que possamos experienciar um em termos do outro em algumas culturas (LAKOFF; JOHNSON, 1980) —, nem viver significa literalmente percorrer um caminho. No entanto, os domínios-fonte DINHEIRO e JORNADA parecem estar enraizados em experiências cotidianas que, em certo grau, moldam a forma com que conceitualizamos nossas relações com o tempo e com a vida, respectivamente. A comunicação interpessoal, nesse sentido, também evidencia a forma como percebemos e codificamos o mundo ao nosso redor.

Avançando a discussão acerca das metáforas conceituais, Grady (1997) propôs o conceito de Metáfora Primária. Segundo o autor, algumas metáforas conceituais refletem nossas experiências corpóreas com o ambiente em que estamos inseridos, independentemente de questões culturais. A partir dessa ideia, podemos pensar que todos nós, enquanto seres humanos, experienciamos a sensação de mais insegurança ao estarmos no escuro, ou os efeitos negativos da gravidade, por exemplo. Essas experiências, por sua vez, servem como fontes de inferência, proporcionando mapeamentos como RUIM É ESCURO ou RUIM É PARA BAIXO. Uma vez que esse tipo de mapeamento conceitual não se atém a uma cultura, mas sim reflete a experiência humana enquanto espécie, as metáforas conceituais que integram esse grupo supostamente devem ser registradas nas mais diversas línguas, tornando-se fortes candidatas à universalidade.

Com efeito, a ideia de que o pensamento metafórico está enraizado nas nossas relações corpóreas com o mundo já havia sido enfatizada por Lakoff e Johnson (1980). Grande parte da argumentação introduzida pelos autores baseia-se em metáforas verbais, mostrando que os seres humanos consistentemente

conceitualizam e experimentam o abstrato em termos do concreto, este último inerentemente ligado às funções corpóreas. Alguns dos exemplos usados por Lakoff e Johnson para evidenciar essa relação, como é o caso da metáfora conceitual A VIDA É UMA JORNADA, de fato manifestam-se em diversas línguas além do inglês. Contudo, linguistas de base cognitiva argumentam que uma teoria sólida acerca da metáfora não pode ser baseada apenas na corporificação (e.g. GIBBS; STEEN, 1999).

Nesse sentido, Kövecses (2005) comenta a relação entre aspectos culturais e universais da metáfora, de modo a investigar até que ponto pessoas em diferentes partes do globo compartilham seus entendimentos sobre aspectos do mundo em que estão inseridas. De acordo com o autor, ainda que os mesmos mapeamentos genéricos possam estruturar, em um nível abstrato, o pensamento humano ao redor do mundo, manifestações linguísticas distintas sugerem que instâncias específicas dessas metáforas podem (e devem) variar culturalmente (KÖVECSES, 2005). A metáfora conceitual A POLÍTICA É UM JOGO, por exemplo, é compartilhada por diversas culturas. Contudo, o domínio-fonte JOGO pode variar de cultura para cultura. Por exemplo, ao passo que estadunidenses provavelmente usariam muito do vocabulário do beisebol para tratar do domínio-alvo POLÍTICA, brasileiros devem focar mais o futebol, dada a relevância desse esporte específico para essa comunidade linguística. Logo, em um nível superordenado de organização conceitual, muitas metáforas podem ter grande potencial para a universalidade; por outro lado, em um nível subordinado, tratando-se de questões mais pontuais, a conceitualização pode acontecer de formas mais específicas e distintas umas das outras, além de ser influenciada por questões culturais.

Apesar de a metáfora primária ter sido sistematizada na literatura da LC, os teóricos que comentaram acerca das influências culturais na linguagem natural parecem não ter se preocupado em desenvolver uma teoria para as metáforas que integram esse grupo de mapeamentos conceituais. Assim, neste estudo, definimos operacionalmente a “metáfora complexa” como a combinação de mapeamentos primários influenciados pela cultura de uma determinada comunidade linguística. Como apontam Gil e Vanin (2013, p. 21): “Ao mesmo tempo em que sujeitos do mundo todo formulam determinadas metáforas porque têm experiências corporais semelhantes [...], alguns conceitos são culturalmente definidos, ou, ainda, criativamente especificados”.

Além dos fatores culturais que motivam o uso de algumas expressões metafóricas na linguagem, no pensamento e na ação, há também fatores discursivos a serem considerados. Assim, outro construto teórico importante para este estudo é o *nicho metafórico*, introduzido por Vereza (2007, 2010). Esse conceito está ligado à ideia de que, ao longo de um texto, há a possibilidade de que diversas construções linguísticas metafóricas, quando tomadas em conjunto, possam apontar para um todo metafórico capaz de representar um único mapeamento subjacente. Segundo a autora, “[...] O nicho metafórico enfoca o fenômeno da figuratividade como um recurso organizacional do discurso [...], criando, cognitivamente, redes de sentido” (VEREZA, 2010, p. 209).

Nesse sentido, o conceito de nicho metafórico foi bastante útil para esta pesquisa, uma vez que buscávamos pela identificação, por parte dos participantes, de uma espécie de “rede cognitiva de sentido” que os ajudasse a dar conta do conteúdo linguístico metafórico apresentado para tradução. Isto é, esperávamos que os participantes percebessem, consciente ou inconscientemente, que os excertos, ao representarem dois nichos metafóricos particulares, apontavam para duas organizações conceituais metafóricas específicas — uma representando um mapeamento conceitual primário, e a outra, um mapeamento conceitual complexo.

2.2 A METÁFORA CONCEITUAL NA TRADUÇÃO

O fenômeno da metáfora é um tópico de discussão entre os teóricos da tradução há muito tempo. Entre os diversos pontos de vista, há aqueles que argumentam que as metáforas são intraduzíveis (NIDA, 1964; DAGUT, 1976); aqueles que postulam que a tradução de linguagem figurada não difere da tradução em geral (MASON, 1982); e aqueles que veem a tradução da metáfora como um processo díspar, que influencia negativamente as relações de equivalência de uma língua para outra (VAN DEN BROECK, 1981; NEWMARK, 1988). Isto é, os pontos de vista vão de um extremo ao outro.

O que todas essas argumentações têm em comum, contudo, é o fato de que se baseiam principalmente na compreensão tradicional da metáfora enquanto figura de linguagem, um recurso estilístico. De acordo com Schäffner (2004), como a maioria dos estudos acerca da tradução da metáfora leva em consideração a abordagem

clássica do fenômeno, as discussões ancoram-se em argumentações no nível linguístico, deixando de lado as considerações a nível cognitivo.

Estudos que relacionam a Teoria da Metáfora Conceitual à tradução começaram a aparecer com mais frequência apenas no final do último século (e.g. MANDELBLIT, 1995; SCHÄFFNER, 2004; MASSEY; EHRENSBERGER-DOW, 2017), depois que a abordagem cognitiva ganhou maior popularidade. A fim de explorar as implicações dessa abordagem para a tradução, Mandelblit (1995) introduziu a hipótese da Tradução Cognitiva (*The Cognitive Translation hypothesis*). Segundo o autor, quando línguas utilizam de domínios da experiência distintos para dar conta de um domínio-alvo similar, a busca por um correspondente linguístico pode exigir uma mudança conceitual consciente durante o processo de tradução. Por outro lado, tratando-se de domínios da experiência semelhantes, os tradutores enfrentariam desafios menores. Logo, postula-se que o processo de tradução deve envolver não apenas a troca de um símbolo arbitrário por outro, mas também a transferência de um mapeamento conceitual para outro, que pode ser similar ou diferente.

Para investigar sua hipótese, Mandelblit (1995) elaborou uma tarefa de tradução com metáforas de tempo no par de línguas inglês e francês. Segundo o autor, no que tange às metáforas de tempo, como O TEMPO É UM OBJETO VALIOSO, ambas as línguas possuem expressões similares no campo linguístico. Entretanto, observam-se também relações díspares, que fazem com que as metáforas dessa categoria funcionem como bons exemplos tanto para o que ele chamou de mapeamentos similares quanto para os mapeamentos dissonantes.

Em seu estudo piloto, o autor apresentou 23 sentenças metafóricas para tradução, medindo o tempo que cada tradutor levava para traduzir cada sentença. Os dados da pesquisa corroboram a hipótese de que o processamento ocorre de forma mais rápida em sentenças com mapeamentos metafóricos similares (*Similar Mapping Conditions*) em ambas as línguas. Os mapeamentos metafóricos diferentes (*Different Mapping Conditions*), em contrapartida, exigiram mais tempo dos tradutores, fossem eles estudantes ou profissionais atuantes na área.

Por outro lado, Steen (2014) aponta para a possibilidade de que as metáforas conceituais, em geral, não representam um empecilho para a tradução. Para o autor, a tradução de linguagem metafórica pode se tornar um problema apenas quando os termos metafóricos da língua de partida possuem associações ou valores divergentes na língua de chegada. Isso porque as metáforas conceituais que diferem de uma

língua para a outra não exprimem relações naturais de equivalência entre os domínios das línguas de chegada e de partida, mas, sim, expressam uma dissonância cultural que pode afetar o processo de tradução.

2.3 A TRADUÇÃO DO PONTO DE VISTA TEÓRICO

Há um vasto arcabouço teórico acerca da tradução capaz de contribuir para os estudos sobre a tradução de linguagem figurada. Há também, contudo, uma limitação evidente no que tange aos estudos que se baseiam em pressupostos da LC: trata-se da lacuna nas teorias de tradução de cunho cognitivo, uma vez que não existe uma teoria cognitiva de tradução *per se*, que se encaixe perfeitamente nos construtos teóricos que pretendemos investigar.

Tecnicamente, a teorização que subjaz o produto da tradução não é o foco deste trabalho. Entretanto, alinhamo-nos a uma corrente de pensamento que parece dar conta de definir o que entendemos por tradução. Nesse sentido, Jakobson (2008), ao comentar os principais problemas linguísticos atrelados à tradução interlinguística, pontua que a tradução deve exigir codificações diferentes no par de línguas envolvidos no processo. Segundo o autor,

[...] qualquer signo pode ser traduzido num outro signo em que ele se apresenta mais plenamente desenvolvido e mais exato. [...] Toda experiência cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer língua existente. Onde houver uma deficiência, a terminologia poderá ser modificada por empréstimos, calços, neologismos, transferências semânticas e, finalmente, circunlóquios. (JAKOBSON, 2008, p. 84).

Para Jakobson, a linguagem, do ponto de vista da tradução, e enquanto reflexo da cognição, não depende do sistema de signos linguísticos, uma vez que a conceitualização das experiências humanas não acontece totalmente na linguagem, mas sim pode ser expressa por meio dela. Semelhantemente, neste trabalho pensamos a tradução enquanto um processo que vai além da análise da superfície linguística, de forma que a construção dos significados em português estabelecesse uma relação de totalidade, ou não, com os textos em inglês apenas no que tange aos mapeamentos conceituais das expressões linguísticas metafóricas que compõem a tarefa.

Trata-se do que Jakobson (2008, p. 82) comenta como sendo uma tradução em “forma de discurso indireto”. Isto é, ao lidar com línguas com configurações diferentes, o tradutor reorganiza a mensagem recebida para que possa fazer sentido na língua de chegada. Conseqüentemente, há uma relação de equivalência¹ entre a mensagem da língua de partida e a da língua de chegada, mesmo que os códigos linguísticos sejam diferentes.

Tendo apresentado os fenômenos analisados e os fundamentos teóricos que sustentam as nossas hipóteses, passamos à apresentação do método adotado para a condução da parte experimental da pesquisa e dos resultados de nossas análises.

¹ Neste trabalho, não atribuímos nenhum estatuto teórico específico para o termo “equivalência”.

3 MÉTODO

A metodologia desenvolvida para este trabalho consistiu em uma pesquisa transversal, de caráter qualitativo e quantitativo, cujo delineamento experimental é do tipo 2x2. As variáveis independentes são os tipos de metáfora conceitual analisados (primária e complexa) e o grau de experiência em tradução dos participantes (estudante ou profissional). As variáveis dependentes são os tempos de resposta à tarefa.

3.1 PARTICIPANTES

Em virtude de esta pesquisa poder ser considerada uma adaptação do estudo de Mandelblit (1995), o número mínimo esperado de participantes correspondia àquele usado na pesquisa original (8 alunos e 4 profissionais). Entretanto, a fim de encontrar resultados mais robustos, decidimos ampliá-lo, entrevistando 30 tradutores especializados no par de línguas inglês e português. Essa amostra se dividiu em dois grupos: o primeiro grupo é formado por 20 estudantes (M = 22 anos; DP = 2,2 anos) de graduação do curso de bacharelado em Letras de uma instituição de ensino superior do sul do país. O segundo grupo, por sua vez, constitui-se de 10 profissionais formados em Letras (M = 27 anos; DP = 7,1 anos) que atuam profissionalmente como tradutores.

Para selecionar a amostra, implementamos a técnica *bola de neve*, de modo que os indivíduos selecionados fossem orientados a convidar conhecidos que se adequassem ao perfil exigido. Uma vez que esta pesquisa começou a ser elaborada durante a pandemia causada pela Covid-19, todos os participantes foram convidados para participar da pesquisa de forma *on-line*, por meio de e-mails de divulgação. No caso dos estudantes de tradução, o convite também foi feito a partir da divulgação de professores que atuam na instituição selecionada.

Como critério de inclusão, os participantes deveriam ser alunos do curso de bacharelado em Letras, com ênfase no par de línguas inglês e português, ou tradutores formados que atuassem na área. Por outro lado, consideramos três critérios de exclusão: a participação em aulas que explorassem as teorias usadas na pesquisa; a participação em grupo de pesquisa com o mesmo tema; e a atribuição de nota dois ou inferior nas escalas da tarefa.

3.2 INSTRUMENTO

Como instrumento para esta pesquisa, elaboramos uma tarefa de tradução (Apêndice A) em que dois excertos de texto em inglês — equivalentes, respectivamente, a atualizações linguísticas de uma metáfora primária e de uma metáfora complexa — foram apresentados para tradução. A fim de atualizar o instrumento utilizado por Mandelblit (1995), optamos por excertos de texto em vez de frases soltas, como fez o autor no estudo que deu origem a esta análise. Para tanto, adotamos o conceito de nicho metafórico (VEREZA, 2007, 2010) durante a produção dos itens que compõem o instrumento.

Escolhemos o mapeamento A VIDA PROFISSIONAL É UM JOGO DE BEISEBOL como base do excerto que reproduz a metáfora complexa, opondo-se ao mapeamento A VIDA PROFISSIONAL É UMA VIAGEM, base do excerto que reproduz a metáfora primária. O excerto que representa a metáfora complexa é uma adaptação da amostra de leitura em Lakhwani e Clair (2014) e tem 130 palavras. O excerto que representa a metáfora primária, por outro lado, é uma criação autoral, produzida com base no número de palavras, na estrutura e nas expressões metafóricas do excerto que corresponde à metáfora complexa. Esse excerto tem 134 palavras.

Além dos excertos propostos para tradução, o instrumento é constituído de duas escalas Likert, para as quais os participantes atribuíram nota de um a cinco referentes à satisfação com o seu desempenho durante o processo de tradução e ao grau de familiaridade com as expressões propostas na tarefa, sendo 1 nada e 5 totalmente. Como mencionado anteriormente, essas escalas foram projetadas para funcionar como um critério de exclusão: a tarefa seria automaticamente desconsiderada em casos em que os participantes dessem nota dois ou inferior a qualquer uma das escalas. Optamos assim por entendermos que, se os participantes não considerassem ter familiaridade com o conteúdo em inglês, ou não estivessem satisfeitos com o seu desempenho, poderiam influenciar negativamente os resultados do estudo. Dois participantes foram desconsiderados nesse processo.

Por fim, os participantes foram convidados a dar seu parecer quanto ao processo tradutório por meio de um comentário de caráter não obrigatório, o que auxiliou a parte qualitativa desta análise.

3.3 PROCEDIMENTOS

No que tange aos procedimentos, primeiramente, os participantes receberam um e-mail com o convite para a pesquisa². Após responderem, eles receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado pelos pesquisadores envolvidos no projeto, e foram orientados a devolver o TCLE assinado, para que pudéssemos marcar os encontros remotos. Esta pesquisa foi aplicada em ambiente virtual, a partir de encontros síncronos individuais com os participantes na plataforma Google Meet. O período de aplicação da tarefa aconteceu entre os meses de junho e agosto de 2022.

Antes de iniciarem as traduções, os participantes recebiam uma breve explicação sobre a natureza e os itens da tarefa. Nesse momento, eles eram orientados a produzir uma tradução sem o auxílio de tradutores automáticos, ferramentas de tradução e dicionários. Caso se deparassem com uma passagem que gerasse dúvidas, deveriam se preocupar em traduzir o sentido do trecho, e não necessariamente as palavras do texto de partida. Além disso, informamos que poderiam levar o tempo que julgassem necessário para completar a tarefa. Após essa explicação, a tarefa era iniciada, bem como os procedimentos de tabulação dos tempos de resposta dos participantes.

Nesta pesquisa, cronometramos o tempo de tradução de cada um dos dois excertos de texto da tarefa. Assim, após o término de uma tarefa, duas medidas de tempo eram registradas para cada participante. Essas medidas correspondem aos tempos entre o início da leitura dos excertos em inglês até o término das respectivas traduções para o português. Para evitar que a ordem dos excertos influenciasse o tempo de tradução, alguns participantes receberam a tarefa que iniciava com o excerto representante da metáfora primária; outros, a que iniciava com a metáfora complexa.

Tratando-se de dois excertos de texto, houve uma pausa entre as traduções, para que os participantes pudessem ter um breve descanso e para que fosse possível separar os dados referentes ao tempo de tradução de cada excerto. Após o término

² Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (CAAE 57284922.0.0000.5347), órgão colegiado, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, cuja finalidade é avaliar, emitir parecer e acompanhar os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos, em seus aspectos éticos e metodológicos, realizados no âmbito da instituição.

do processo de tradução, os participantes respondiam às escalas referentes aos itens do instrumento e eram orientados a deixar um comentário sobre o processo tradutório. O tempo total de participação na pesquisa foi inicialmente estimado em cerca de uma hora, considerando as orientações, a aplicação da tarefa, as dúvidas e o encerramento. Contudo, tratando-se de um processo de tradução, não havia como prever exatamente quanto tempo cada participante precisaria para traduzir os excertos propostos. Após o processo de coleta de dados, observamos que os participantes demoraram, em média, cerca de 10 minutos para traduzir os itens da tarefa.

Ao longo do encontro síncrono, os dados coletados eram organizados em uma planilha. Para manter a integridade e o anonimato dos participantes, seus dados de identificação foram codificados numericamente. Esses dados ficarão armazenados no computador da pesquisadora responsável pelo projeto por, no mínimo, cinco anos.

4 RESULTADOS

As análises estatísticas foram realizadas no *software* R, versão 4.2.1, considerando o nível de confiança de 95%. Os tempos de tradução dos excertos representativos das metáforas primária e complexa aferidos dos participantes foram comparados através do uso de teste de hipóteses. Aplicou-se o teste de Wilcoxon unilateral para diferenciar os tempos de tradução entre as metáforas primária e complexa e o teste Mann-Whitney para observar as diferenças dos tempos de tradução entre o grupo de estudantes e o grupo de profissionais. Essas técnicas são análises não paramétricas aconselháveis para amostras pequenas, o que é o caso neste estudo.

Optou-se pela unilateralidade dos testes, pois as hipóteses de pesquisa estabeleciam a expectativa de que o tempo de tradução da metáfora complexa fosse maior que o da metáfora primária, e que o tempo de tradução dos profissionais fosse menor que o dos estudantes. Além disso, os tempos de tradução foram correlacionados através do coeficiente de Spearman, técnica não paramétrica para aferição de correlação.

A partir dos resultados, que também compreendem considerações a nível qualitativo, pudemos verificar aspectos do processo de tradução das metáforas conceituais para o português brasileiro, analisar o tempo de resposta dos participantes e refletir sobre a adequação do instrumento proposto, ampliando a discussão iniciada no estudo de Mandelblit (1995).

4.1 ANÁLISE QUANTITATIVA

Para responder ao questionamento quanto ao tempo que cada tipo de metáfora conceitual demora, em média, para ser traduzido, optamos pelo teste de Wilcoxon, verificando a diferença entre os tempos de resposta dos dois grupos analisados. Como mencionado anteriormente, esse teste é uma alternativa não paramétrica para mensurar diferenças entre dois grupos pequenos. Assim, mesmo que os testes não paramétricos tenham menor poder estatístico, podemos observar, a partir dos resultados expostos na Tabela 1, que as médias de tempo, tanto para o grupo de estudantes quanto para o grupo de profissionais, mostram que a metáfora

primária foi mais rapidamente traduzida para o português brasileiro, como antecipava uma das hipóteses deste estudo.

Tabela 1³ — Médias dos tempos de tradução em minutos

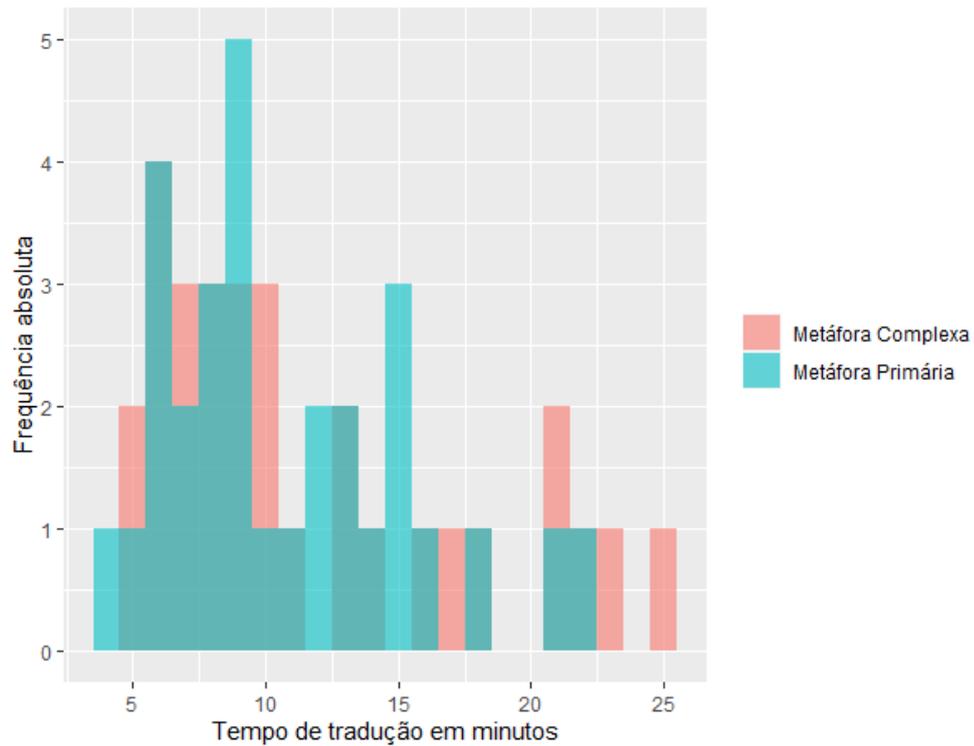
	MC Média ± DP	MP Média ± DP	Diferença média	p-valor
Estudantes	10,3 ± 6,7	9,6 ± 4,2	0,71	0,174
Profissionais	9,1 ± 4,3	8,8 ± 5,7	0,28	0,577
Total	9,6 ± 6,0	9,2 ± 4,7	0,41	0,245

Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

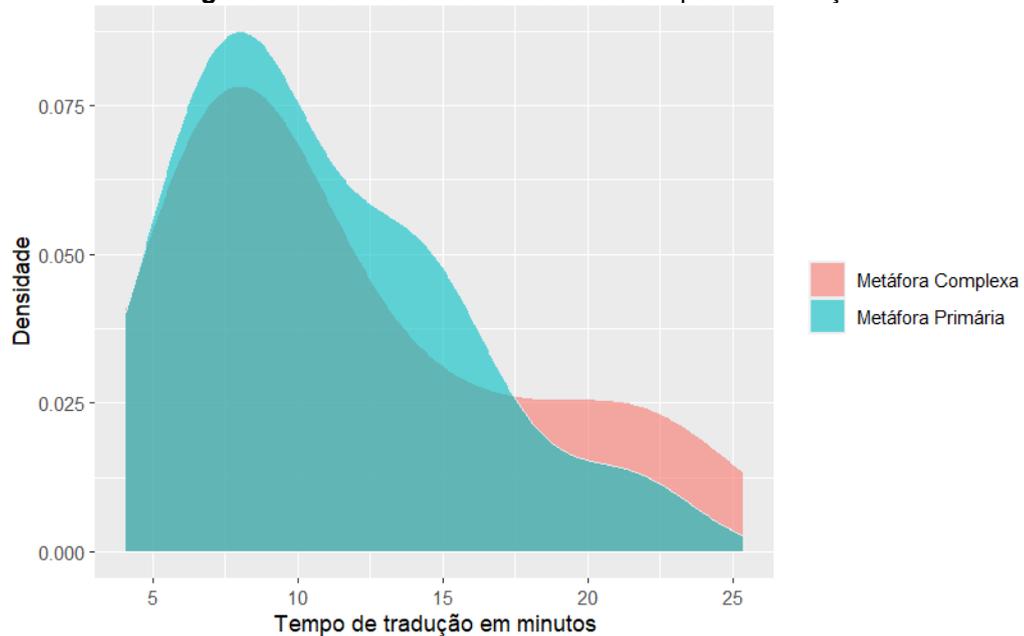
Entretanto, dado que o nível de significância foi superior a 0,05, os resultados do teste indicam que não há diferença significativa entre as variáveis medidas. Isto é, quando falamos que a análise será com 95% de confiança, estamos dizendo que esse valor limite é de 5%, ou seja, 0,05. Ao obtermos um p-valor menor que esse limite, concluímos em favor da nossa hipótese, mas esse não é o caso para esta análise. Logo, não podemos atestar uma diferença estatisticamente significativa.

Os resultados do teste de Wilcoxon nos dizem que há diferença entre os tempos de tradução dos dois tipos de metáfora sob análise, mas que essa diferença é pequena. Logo, é possível concluir que não há evidência estatística para corroborar a hipótese de que um tipo de metáfora conceitual é mais rapidamente traduzido para o português brasileiro do que outro, mesmo que as médias para esta amostra específica elejam a metáfora complexa como o tipo possivelmente mais demorado (figuras 1 e 2).

³ Teste de Wilcoxon. DP = Desvio Padrão; MC = Metáfora Complexa; MP = Metáfora Primária.

Figura 1 — Histograma dos tempos de tradução

Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Figura 2 — Gráfico de densidade dos tempos de tradução

Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Como é possível observar nas figuras 1 e 2, o excerto que representa a metáfora complexa estende-se até a casa dos 25 minutos, sobrepondo-se ao grau de densidade da metáfora primárias. Assim, ainda que não possamos traçar inferências

para a população, os resultados para a amostra desta pesquisa mostram que os participantes precisaram de mais tempo para lidar com as expressões que atualizam uma metáfora complexa.

Ademais, é essencial considerar que o tamanho da amostra influencia os resultados obtidos. Nesse sentido, com a ampliação do número de participantes, a diferença entre o tempo de tradução das metáforas analisadas possivelmente se tornaria estatisticamente significativa. Com efeito, quanto menor for a diferença existente na população, maior precisará ser a amostra que pretende estudá-la. Por outro lado, tratando-se de uma diferença expressiva na população, basta uma amostra pequena para corroborá-la.

Para responder à segunda pergunta desta pesquisa, que questiona a influência da experiência em tradução, usamos o teste Mann-Whitney para diferenciar os tempos de tradução entre o grupo de estudantes e o de profissionais. Apresentamos os resultados na tabela a seguir.

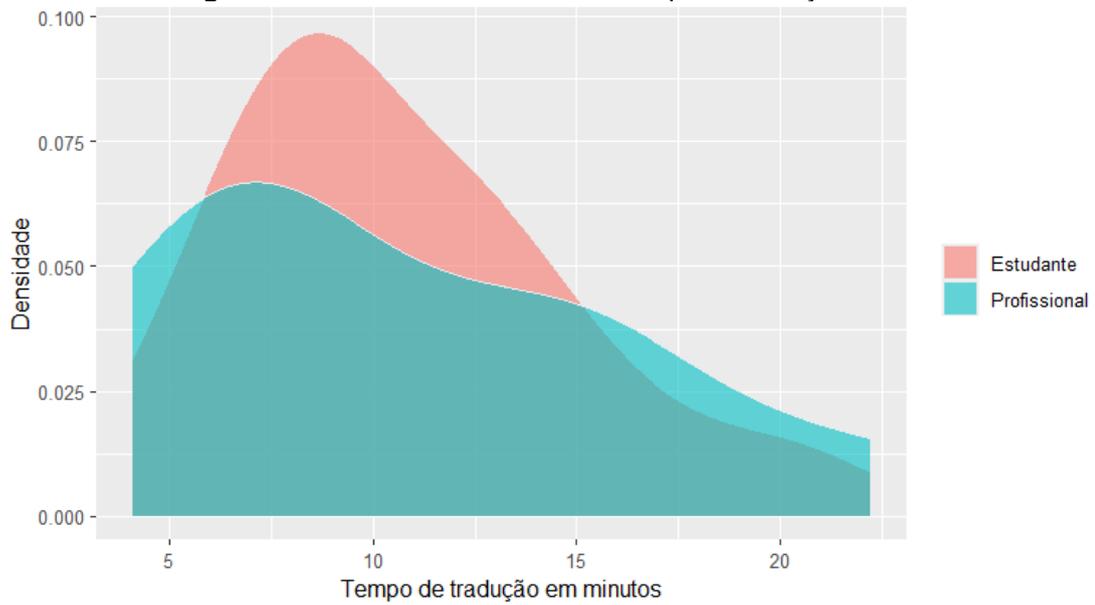
Tabela 2⁴ — Médias dos tempos de tradução e comparação entre estudantes e profissionais

	Estudantes Média ± DP	Profissionais Média ± DP	Diferença média	p-valor
MC	10,3 ± 6,7	9,1 ± 4,3	1,2	0,389
MP	9,6 ± 4,2	8,8 ± 5,7	0,8	0,423
Idade	22 ± 2,2	27 ± 7,1	-	-

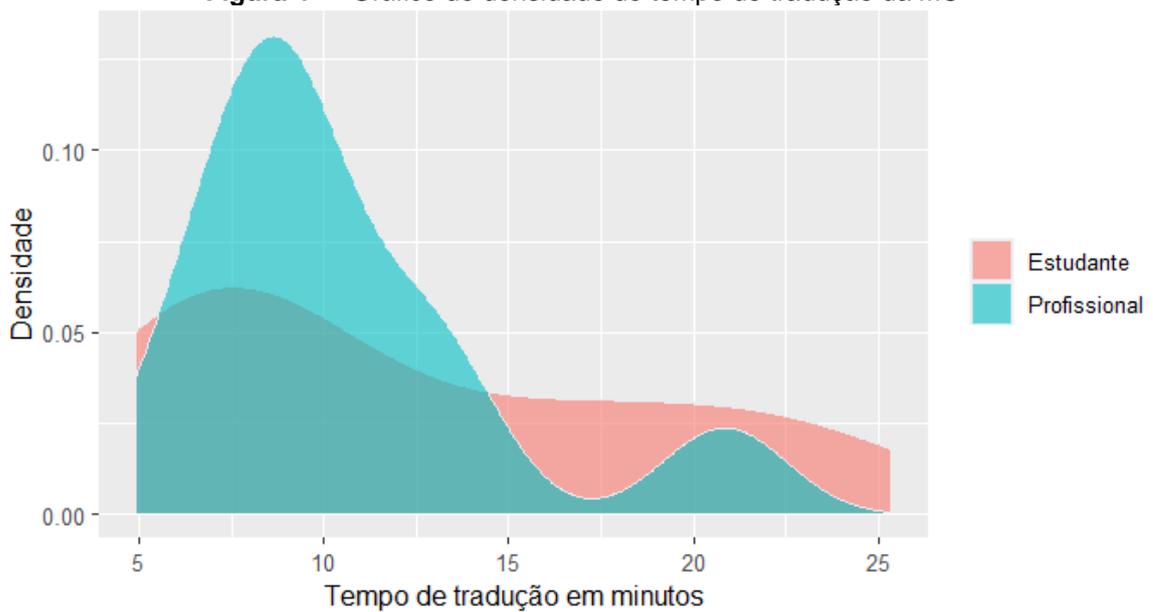
Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Novamente, podemos observar que não há diferença estatística para corroborar a hipótese de que os tradutores com maior grau de experiência responderiam mais rapidamente a tarefa, mesmo que as médias de tempo, quando comparadas, apontem para o grupo de profissionais como aquele que lidou com os itens da tarefa com maior agilidade, mostrando que eles demoraram, em média, um minuto a menos para traduzir os excertos da tarefa. Ilustramos essa diferença nas figuras 3 e 4.

⁴ Teste de Mann-Whitney. DP = Desvio Padrão; MC = Metáfora Complexa; MP = Metáfora Primária.

Figura 3 — Gráfico de densidade do tempo de tradução da MP

Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Figura 4 — Gráfico de densidade do tempo de tradução da MC

Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

As distribuições desenhadas nos gráficos anteriores mostram que, em ambos os cenários, a maioria dos participantes demorou pouco tempo para traduzir os itens da tarefa, concentrando-se, em geral, na casa dos dez minutos. Contudo, ao compararmos a Figura 3 com a Figura 4, é possível perceber que, no gráfico para os tempos de resposta da metáfora primária, a densidade de estudantes nos menores valores de tempo é maior do que a de profissionais. O gráfico para os tempos de

tradução da metáfora complexa, por outro lado, mostra que a densidade de profissionais nos tempos menores é maior que a de estudantes.

É importante considerar, entretanto, que a diferença ilustrada nos gráficos supracitados vai ao encontro do nível de significância acima de 0,05, o que impossibilita atestar diferença estatisticamente significativa em nossos resultados, ou traçar inferências para as populações de tradutores. Ou seja, assim como no teste de Wilcoxon, nossas considerações se limitam a esta amostra.

Por fim, correlacionamos os tempos de tradução dos grupos que compõem a pesquisa. A partir desse teste, metrificado pelo coeficiente de Spearman, pudemos verificar as relações entre as variáveis testadas e suas direções. Na Tabela 3, verificamos correlações moderadas positivas e significativas em todas as variáveis.

Tabela 3 — Coeficiente de correlação de Spearman dos tempos de tradução

	Correlação	p-valor
Estudantes	0,65	0,003
Profissionais	0,68	0,035
Total	0,61	0,001

Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Dessa forma, os dados evidenciam que há uma relação entre os tempos de tradução dos dois tipos de metáfora sob análise, no sentido de que os participantes dos dois grupos demoraram tempos proporcionais para traduzir os excertos da tarefa. Isto é, quanto mais tempo um participante demorava no excerto representante da metáfora primária, mais ele demorava no excerto representante da metáfora complexa, e vice-versa, o que mostra que os tempos não foram aleatórios. Ilustramos a dispersão dos tempos de tradução no gráfico a seguir.



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Logo, a partir dessas informações, é possível observar que os cuidados metodológicos durante a produção da tarefa de tradução afetaram positivamente os resultados da pesquisa, que apontam para a eficiência do instrumento em mensurar os dados que buscávamos analisar. Isto é, tendo obtido como resultado correlações moderadas positivas entre os tempos de tradução dos participantes de ambos os grupos, observa-se a possibilidade de os excertos escolhidos para a tarefa serem representantes suficientemente adequados para dar conta de evidenciar a diferença que buscávamos encontrar nos tempos de tradução, pois os tempos não foram desproporcionais.

Nesta seção, apresentamos os resultados da nossa investigação sob a ótica das análises quantitativas, buscando encontrar respostas do ponto de vista estatístico para as perguntas de pesquisa a partir dos dados coletados. A seguir, traçamos um panorama das contribuições da porção qualitativa deste estudo, observando sobretudo os comentários dos participantes acerca dos excertos da tarefa de tradução.

4.2 ANÁLISE QUALITATIVA

Após o término das traduções, convidávamos os participantes a deixar um comentário acerca do processo e das suas percepções quanto às expressões do texto de partida, relatando suas dificuldades e observações. Esses comentários serviram como base para fundamentar a parte qualitativa deste estudo. Nesta parte da análise, examinamos os dois grupos que compõem a amostra, o de estudantes e o formado por profissionais, consecutivamente, dividindo-os em três subgrupos de acordo com o tempo de resposta e o resultado das traduções.

O primeiro subgrupo é composto pelos participantes cujos tempos de resposta apontam para a possibilidade de a metáfora primária ser mais rapidamente traduzida para o português brasileiro. Esta parcela de participantes demorou mais tempo na tradução do excerto que representa a metáfora complexa A VIDA PROFISSIONAL É UM JOGO DE BEISEBOL e conseguiu transferir os mapeamentos da língua de partida para a língua de chegada. Neste subgrupo, alguns participantes relataram que as estruturas dos excertos, por serem parecidas, impactaram positivamente a tradução da segunda metade do teste, independentemente de o segundo excerto atualizar uma metáfora primária ou uma metáfora complexa. Contudo, como mencionamos anteriormente, os testes foram distribuídos aleatoriamente, de modo a evitar que a estrutura similar influenciasse negativamente os tempos de resposta.

Tabela 4 — Comentário de um dos participantes do grupo de profissionais

Participante	Comentário
01P	<i>[SIC] Acredito que a maior dificuldade com a tradução dos dois excertos foi a impossibilidade de revisar com mais tempo as decisões tomadas, termos escolhidos, etc. Contudo, em suma, penso ter sido uma tradução tranquila. O segundo texto foi mais fácil de se traduzir do que o primeiro, pois já estava mais acostumada com a estrutura. Além disso, busquei realmente adaptar o texto ao público brasileiro, tornando o primeiro texto mais difícil, pois tentei trocar as metáforas para a terminologia do futebol. Já no segundo não foi necessário trocar as metáforas por outras, mantive no espectro da viagem da mesma forma.</i>

Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

A exemplo do comentário da Tabela 4, pudemos observar que os participantes deste subgrupo não tiveram problemas em perceber a necessidade de fazer uma troca do conteúdo linguístico que atualiza a metáfora complexa para que fosse compatível ao sentido do texto de partida. Nesse sentido, Mandelblit (1995) pontua que os

mapeamentos que exigem uma troca (*shift*) conceitual (neste trabalho, entendidos como mapeamentos que representam metáforas complexas) pelo tradutor devem representar um maior tempo de tradução justamente porque essa troca afeta o tempo de reação do tradutor. Parece ser esse o caso deste subgrupo, mesmo esse *shift* conceitual não sendo estatisticamente significativo.

O segundo subgrupo, por outro lado, representa aqueles participantes que demoraram mais tempo para traduzir o excerto que corresponde à metáfora primária, indo de encontro à hipótese. O principal problema relatado pelos participantes que levaram mais tempo para traduzir as expressões metafóricas primárias foi a questão de que o excerto carrega um *idiom*⁵ específico que causou estranhamento: trata-se da expressão “*spinning his wheels*”. Mesmo nos casos em que os participantes observaram que o texto que representa a metáfora primária poderia ser mais facilmente transferido para o português, a expressão supracitada influenciou significativamente o tempo de tradução de alguns participantes, fazendo com que demorassem mais para traduzir o excerto.

Tabela 5 — Comentário de dois dos participantes do grupo de profissionais

Participante	Comentário
02P	[SIC] <i>Sim, existiram algumas dificuldades em relação a expressões que não sabia a tradução, como “field representative”, e com algumas expressões metafóricas ligadas ao jogo. Alguns dos principais exemplos foram “play ball”, “heavy hitter” e “hit a home run” e “thrown a curve ball”. Não estava familiarizado com essas expressões, tendo que imaginar o possível contexto e significado para poder traduzir. No primeiro excerto, a dificuldade foi menor, mas expressões como “to be spinning his wheels” me causaram dificuldade para achar uma boa tradução.</i>
07P	[SIC] <i>No primeiro excerto, não conhecia a expressão “spinning his wheels” e tive dificuldade em traduzir “stray away”. Na tradução, tentei adaptar ou traduzir da forma que mais fazia sentido com a minha dedução das expressões e com o resto do texto, mas não fiquei totalmente satisfeita, pois não sei se as expressões estão totalmente coesas. No segundo excerto, as expressões eram bem mais específicas do que as do primeiro. Conheço as expressões na língua de partida, mas não faço ideia de como utilizamos expressões de baseball na língua de chegada – se é que utilizamos traduções. Por isso, tentei pensar um pouco no futebol, que conheço um pouquinho mais as expressões e é mais comum de ouvirmos em conversas.</i>

Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

⁵ Neste trabalho, consideramos as expressões idiomáticas como possíveis atualizações de mapeamentos conceituais, mesmo entendendo serem um fenômeno linguístico diferente no *continuum* das figuras de linguagem.

O terceiro subgrupo, por fim, constitui-se daqueles participantes cujos tempos de resposta vão de encontro à hipótese, mas cujas traduções não necessariamente representam os mesmos mapeamentos conceituais da língua de partida. Isto é, esta parcela de participantes também demorou mais tempo na tradução do excerto que representa a metáfora complexa A VIDA PROFISSIONAL É UM JOGO DE BEISEBOL. Contudo, as traduções para o português nem sempre carregam o mesmo conteúdo conceitual das expressões linguísticas metafóricas que compõem o texto em inglês, principalmente no que tange às expressões que atualizam a metáfora complexa.

Tabela 6 — Comentário de um dos participantes do grupo de estudantes

Participante	Comentário
20E	<p>[SIC] <i>Considerando que as metáforas são relativas ao baseball, um esporte que acredito a grande maioria dos falantes de português não esteja familiarizado com, decidi usar metáforas relativas ao futebol, porém tive dificuldade em encontrar as palavras certos, pois não entendo tanto de futebol, e apesar de expressões relativas a este esporte serem muito comuns na fala cotidiana dos brasileiros, encontrei uma certa dificuldade em achar termos que se encaixassem nessa tradução. Já o segundo trecho, que utiliza metáforas relativas à corrida, caminhos, e coisas desse tipo, não foi tão difícil, pois acredito que estas metáforas sejam mais universais, considerando que não são tão atreladas à um esporte que é mais ou menos específico à algumas culturas, e em especial, a estadunidense.</i></p>

Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Além do comentário exposto na Tabela 6, outros participantes também relataram que, mesmo percebendo a necessidade de adaptação no excerto com expressões do beisebol, seu conhecimento linguístico em português sobre o tema não era suficiente para dar conta desse campo semântico, o que influenciou os tempos de resposta. Neste subgrupo, também encontramos adaptações do conteúdo metafórico para literal; substituição de metáforas; traduções criativas; e omissões.

Ademais, também há de se considerar que os comentários de uma parcela dos participantes apontaram para a questão de as expressões linguísticas metafóricas do excerto que representa a metáfora primária não serem tão comuns em seu repertório bilingue. Isso ficou evidente, principalmente, no que tange à expressão “*to be spinning the wheels*”, que, por mais que tenha traduções facilmente acessíveis em português, apareceu constantemente como um empecilho para o processo de tradução. Nesse sentido, a troca dessa expressão por outra, mais familiar, que atualize o mesmo mapeamento conceitual, talvez resultasse em um menor tempo de

tradução para o excerto da metáfora primária e, conseqüentemente, em uma diferença mais expressiva entre os tempos de resposta dos participantes para os dois excertos.

Ainda, há a possibilidade de os participantes já terem familiaridade com as expressões relacionadas ao beisebol. Logo, mesmo enquanto representantes de um recorte cultural distinto, as expressões do excerto que representam a metáfora complexa não necessariamente são menos conhecidas. Voltando à questão do *shift* conceitual (MANDELBLIT, 1995), é possível que algumas das expressões escolhidas já estivessem enraizadas no repertório bilingue dos participantes, fazendo com que a sua tradução para uma outra língua não reflita em tempos de resposta expressivos, mesmo nos casos em que os participantes não dominavam o campo semântico no qual estavam estruturando a sua tradução.

Por último, considerando os comentários acerca da possibilidade de a estrutura dos excertos influenciar o tempo de tradução, ressaltamos os cuidados metodológicos que aplicamos a fim de garantir que essa similaridade não influenciasse as análises estatísticas. Isto é, por serem excertos semelhantes, o tradutor, ao se deparar com a estrutura uma vez, poderia ter mais facilidade para traduzi-la novamente, independentemente de qual excerto foi traduzido primeiro. Por isso, a ordem de apresentação dos excertos foi randomizada.

Outrossim, é importante distinguir a convencionalidade dos mapeamentos escolhidos para esta pesquisa (principalmente o mapeamento da metáfora primária) da familiaridade das expressões linguísticas que atualizam esses mapeamentos. É possível que um mapeamento altamente convencional seja veiculado a partir de expressões criativas ou pouco conhecidas por determinados falantes, por exemplo. Logo, considerações acerca das expressões que compõem os excertos, do grau de familiaridade e da experiência na língua de partida definitivamente devem ser levadas pontuadas se esta tarefa for reestruturada no futuro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, investigamos o processo de tradução de dois tipos de metáforas conceituais do inglês para o português brasileiro. Partindo dos pressupostos teóricos e metodológicos propostos por Mandelblit (1995), elaboramos uma tarefa de tradução e aplicamo-la em uma amostra composta por 30 participantes, que foram divididos conforme seu nível de experiência em tradução, formando dois grupos: o de estudantes e o de profissionais. Com base nas discussões teóricas acerca do fenômeno da metáfora conceitual que ganharam forma após a publicação do estudo de Mandelblit (e.g. GRADY, 1996), e considerando os argumentos que estruturaram a metáfora conceitual enquanto teoria (LAKOFF; JOHNSON, 1980), baseamo-nos em duas hipóteses. Primeiramente, defendemos que os mapeamentos conceituais representantes da metáfora primária A VIDA (PROFISSIONAL) É UMA VIAGEM seriam mais rapidamente traduzidos para o português brasileiro do que aqueles representantes da metáfora complexa A VIDA PROFÍSSIONAL É UM JOGO DE BEISEBOL, justamente porque esta representa um mapeamento conceitual especificamente influenciado por questões culturais. Em segundo lugar, consideramos que o grau de experiência em tradução deveria afetar o tempo de resposta dos participantes. Assim, esperávamos que os tradutores formados demorassem menos tempo para produzir as traduções dos excertos da tarefa.

Os resultados sugerem que há evidências de um tempo de resposta ligeiramente maior para o excerto que representa a metáfora complexa e um tempo menor de resposta, em geral, para o grupo de profissionais, como antecipavam as hipóteses desta pesquisa. Contudo, os testes estatísticos aplicados não apontaram diferenças significadas. Assim, não foi possível corroborar estatisticamente a hipótese levantada por Mandelblit de que os mapeamentos que diferem da cultura da língua de chegada influenciam o tempo de resposta dos participantes, os quais teriam que lidar com uma adaptação a nível conceitual antes de conseguir produzir uma tradução suficientemente satisfatória. Por outro lado, conseguimos atestar correlações significativas para as variáveis do teste, o que aponta para a capacidade de a tarefa conseguir mensurar as diferenças que buscávamos encontrar.

Como pontuamos ao longo da apresentação dos resultados, as análises estatísticas não paramétricas apenas nos permitem aferir os resultados para esta amostra. Logo, ainda existe espaço para estudos cuja amostra possibilite a aplicação

de análises paramétricas, que permitam traçar inferências para a população. Todavia, considerando a lacuna nos Estudos de Tradução pela perspectiva da Linguística Cognitiva, especialmente de trabalhos que investiguem o português brasileiro, esta pesquisa contribui com as discussões teóricas sobre a tradução de metáforas conceituais ao proporcionar pistas quanto às suas realizações nessa língua, principalmente se considerarmos os comentários dos participantes.

Também identificamos algumas limitações ao longo do trabalho, que elencamos a nível de exposição, para que sejam consideradas em possíveis futuras pesquisas. Para começar, destacamos a importância de um instrumento que possibilite medir o conhecimento cultural dos participantes, capaz de identificar sua familiaridade com os campos semânticos explorados na tarefa em ambas as línguas. Dessa maneira, abre-se espaço para discussões voltadas para a cultura, um pilar importante no processo de conceitualização das relações que temos com o mundo a nossa volta. De fato, são poucos os momentos em que é possível desassociar nossas experiências cotidianas das disposições sociais nelas embutidas.

Também poderíamos reconsiderar as expressões dos textos de partida. Por mais que tenhamos tomado cuidados metodológicos para garantir que ambos os excertos tivessem um número similar de palavras e de expressões idiomáticas, e que os participantes conhecessem minimamente o conteúdo com o qual estavam lidando na língua de partida, diversos participantes relataram dificuldade em traduzir uma expressão específica do excerto que atualiza a metáfora primária, principalmente, o que pode ter influenciado negativamente os resultados da pesquisa. Logo, há a possibilidade de as diferenças de tempo se mostrarem ainda mais expressivas em um teste em que as expressões idiomáticas sejam mais familiares ou recorrentes.

Ademais, uma vez que esta pesquisa se concentrou na tradução enquanto um processo, não foi possível abarcar as considerações que resultariam de uma análise focada no produto de tradução. Nesse sentido, um estudo que analise as traduções para o português do conteúdo linguístico metafórico do texto em inglês parece ter o potencial de influenciar as considerações feitas com base nos tempos de tradução. Como mencionamos, nem todos os tradutores que precisaram de menos tempo para traduzir o excerto representante da metáfora primária foram capazes de traduzir o conteúdo linguístico metafórico por completo para o texto de chegada.

Outrossim, mesmo que os resultados estatísticos desta pesquisa não corroborarem as afirmações feitas por Mandelblit em 1995, eles oferecem boas pistas

para as perguntas de pesquisa. Logo, entendemos que ainda há muito o que ser discutido acerca da tradução de linguagem figurada quando tomamos como base os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, sobretudo pelo prisma das análises paramétricas.

REFERÊNCIAS

- LISPECTOR, C. **A Hora da Estrela**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- DAGUT, M. Can metaphor be translated? **Babel**, [s. l.], v. 22, n. 1, p. 21–33, 1976. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/babel.22.1.05dag>. Acesso em: 10 out. 2022.
- GIBBS, R. W.; STEEN, G. (ed.). **Metaphor in Cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
- GIBBS, R. W. Why cognitive linguists should care more about empirical methods. In: GONZALEZ-MARQUEZ, M.; MITTELBERG, I.; COULSON, S.; SPIVEY, M. J. (ed.). **Methods in Cognitive Linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2007. p. 2–18.
- GIL, M. M.; VANIN, A. A. O conceito de arbitrariedade e o pulo da experiência para a linguagem: o que uma (re)leitura de Saussure pode dizer à Linguística Cognitiva? **Revista Investigações**, Pernambuco, v. 26, n. 2, p. 1–27, 2013.
- GRADY, J. **Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes**. 1997. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade da Califórnia, Berkeley, 1997.
- JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. In: JAKOBSON, R. **Lingüística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2008. p. 79–91.
- KÖVECSES, Z. **Metaphor in Culture: Universality and Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- KÖVECSES, Z. Conceptual metaphor theory and the nature of difficulties in metaphor translation. In: MILLER, D.; MONTI, E. (ed.). **Tradurre Figure/Translating Figurative Language**. Emilia-Romagna: Università di Bologna, 2014. p. 25–39.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LAKHWANI, M.; CLAIR, R. Communicating in English with baseball metaphors. **Intercultural Communication Studies**, [s. l.], v. 23, n. 3, p. 164–171, 2014.
- MANDELBLIT, N. The cognitive view of metaphor and its implications for translation theory. In: LEWANDOWSKA-TOMASZYK, B.; THELEN, M. (ed.). **Translation and meaning – Part 3**. Maastricht: Universitaire Pers, 1995. p. 483–495.
- MASSEY, G.; EHRENSBERGER-DOW, M. Translating conceptual metaphor: the processes of managing interlingual asymmetry. **Research in language**, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 173–189, 2017.
- MASON, K. Metaphor and translation. **Babel**, [s. l.], v. 28, n. 3, p. 140–149, 1982. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/babel.28.3.05mas>. Acesso em: 10 out. 2022.

NEWMARK, P. **A Textbook of Translation**. Hemel Hempstead: Prentice Hall International, 1988.

NIDA, E. **Towards a science of translating, with special reference to principles and procedures involved in bible translating**. Leiden: E. J. Brill, 1964.

PEREIRA, L. B. **Tradução de linguagem figurada: uma análise comparativa com base na teoria da metáfora conceitual**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras: Português e Inglês) — Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/171718>. Acesso em: 10 out. 2022.

SCHÄFFNER, C. Metaphor and translation: some implications of a cognitive approach. **Journal of Pragmatics**, [s. l.], v. 36, n. 7, p. 1253–1269, 2004. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0378216604000244?via%3Di> hub. Acesso em: 10 out. 2022.

SIQUEIRA, M. **As metáforas primárias na aquisição da linguagem: um estudo interlingüístico**. 2003. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

STEEN, G. Translating metaphors: What's the problem? *In*: MILLER, D.; MONTI, E. (ed.). **Tradurre Figure/Translating Figurative Language**. Emilia-Romagna: Università di Bologna, 2014. p. 11–24.

VAN DEN BROECK, R. The limits of translatability exemplified by metaphor translation. **Poetics Today**, [s. l.], v. 2, n. 4, p. 73–87, 1981. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1772487?origin=crossref>. Acesso em: 10 out. 2022.

VEREZA, S. C. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 41, p. 199–212, 2010.

VEREZA, S. C. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. **Linguagem em (dis)curso**, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 487–506, 2007. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/374. Acesso em: 10 out. 2022.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE PESQUISA**TAREFA DE TRADUÇÃO DE LINGUAGEM FIGURADA: METÁFORA**

Eu sou:

- () Estudante. Semestre de referência:
- () Profissional formado. Ano de graduação:

Idade:

Leia atentamente os excertos abaixo e traduza-os sem o auxílio de ferramentas de tradução. Não há um limite de tempo para a conclusão das traduções, mas lembre-se de avisar o pesquisador responsável por aplicar a tarefa ao começar e terminar a tradução de cada excerto. Após, responda às escalas e à pergunta referentes ao processo de tradução.

Excerto 1

John joined a new company as a field representative. He was told about the company and to go out and play ball. If he became a heavy hitter, the boss would reward him. John wanted to do well. He did not want to strike out. He wanted to hit a home run, but he knew that this job would be more difficult than the last and that he could be thrown a curve ball when he was not expecting it. He wanted to play a fair game. John was ready for the major leagues. He knew that he could step up to the plate. He did not want to lose the game. It is now time to play ball. John touched base with his supervisor and covered all the bases.

TRADUÇÃO:

Excerto 2

John joined a new company as a travel agent. He was told about the company and to go out and find his path. If he followed the right route, his boss would reward him at the finish line. John wanted to do well. He did not want to stray away. He wanted to take the lead, but he knew that this job would be more difficult than the last and that he could get stuck at a crossroads when he was not expecting it. He did not want to be spinning his wheels. John was ready to follow a new course. He did not want to reach a plateau. He knew that he could go far. It is now time to start this journey. John knows his supervisor will follow him along the way.

TRADUÇÃO:

1. Considerando os excertos em inglês, o quão familiares são as expressões da língua de partida:

Nada Pouco Razoavelmente Muito Totalmente

2. Considerando os excertos em português, o quão satisfeito você está com as traduções produzidas:

Nada Pouco Razoavelmente Muito Totalmente

3. Espaço para comentários sobre o processo de tradução. Houve alguma dificuldade de tradução em algum dos excertos?